

Editorial

A Ergonomia ainda é vista por muitos como a disciplina que trata apenas da adaptação das condições de trabalho às características humanas, notadamente em relação aos aspectos físicos e fisiológicos dessa adaptação. A própria NR 17, que impacta fortemente na demanda de Ergonomia junto às empresas e organizações sociais, enfatiza os aspectos físicos relacionados ao levantamento, transporte e descarga de materiais, ao mobiliário, aos equipamentos e às condições ambientais do posto de trabalho, em que pese uma menção algo confusa acerca da organização do trabalho.

Este número da Ação Ergonômica traz uma pequena mostra da diversidade da aplicação dos conceitos e métodos da Ergonomia em situações pouco triviais como pilotagem, sala de aulas, concepção arquitetônica, trabalho em turnos, eliciação cognitiva.

Abreu C., piloto internacional e atualmente servidor da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC), apresenta uma reflexão sobre uma questão fundamental da Ergonomia cognitiva relativa ao tipo e nível de automação na cabine de comando das aeronaves e a influência destes aspectos na nos recentes acidentes e incidentes aéreos, utilizando para isto uma abordagem sistêmica.

Santo M. discute como a Ergonomia de concepção favoreceu a escolha de soluções corretas para demandas verificadas no decorrer de um projeto de mudança arquitetônica e de mobiliário de uma grande empresa.

Lima R., professora de ofício analisa, sob o ponto de vista da Ergonomia, a adequação do sistema interativo presente na interface professor-estudante no contexto da sala de aula, observando que o modelo tradicional de transmissão de conteúdos gera uma situação de desconforto para os atores do processo de aprendizagem, uma vez que este não se efetiva em toda a sua complexidade.

É fato notório que muitos especialistas no desenvolvimento de sistemas de informação (SIs) simplificam o processo de obtenção de requisitos cognitivos para o desenvolvimento dos SIs, resultando em sistemas não totalmente adequados ao trabalho das pessoas. Silva Junior et al. utilizam a etnografia colaborativa para a eliciação dos requisitos cognitivos de equipes de trabalho operando em ambientes complexos, com vista ao desenvolvimento de SIs correspondentes ao trabalho real dessas equipes.

Finalmente, Silva e Amaral, num estudo abrangente, abordam a questão sempre fundamental e complexa dos fatores humanos no trabalho em turnos.

Boa leitura..